

Os desafios passados e futuros

Mesmo com os esforços conjuntos para garantir o sucesso da ressocialização dos estudantes no ambiente escolar, os desafios que surgiram no meio do caminho foram inevitáveis. De acordo com a psicóloga escolar Rayanne Linhares, as crianças voltaram mais introspectivas, ansiosas, temerosas, com baixo limiar a frustração, além de socialmente desgastadas. “Especialmente as crianças que estavam no primeiro e no segundo ano foram muito atingidas, pois foram alfabetizadas no meio de uma pandemia. Então, elas voltaram com alguns deficits pedagógicos, que a gente já estava esperando. E mais do que isso, voltaram introspectivas, porque elas não viveram o estágio de socialização necessário ao desenvolvimento. Assim, os conflitos começaram a aparecer de forma tardia”, avalia.

A psicóloga aponta que crianças menores não têm um nível de abstração desenvolvido e, por isso, não conseguem compreender a situação atual. Para completar esse cenário conturbado, ela afirma que a diferença de tempo em que as crianças foram reinseridas nas escolas também trouxe problemas: “Como elas voltaram em diferentes épocas, pois os pais foram liberando aos poucos, à medida que iam se sentindo mais seguros, estavam em diferentes situações e, por isso, ficaram muito perdidas. Alguns grupos já estavam mais sociáveis e elas tiveram que se recolocar nesses grupos.”

Na experiência de Isabella Sá, diretora-executiva da Eleva, escola recém-inaugurada em Brasília, crianças e adolescentes tiveram que ter coragem para sair do lar e se confrontar com os desafios do exterior. “Foi um semestre muito emocionante e com muitas ações necessárias para a saída de casa, desse ninho protegido, natural do isolamento social, mas que também trouxe desafios gigantes, como dificuldades de acelerar desenvolvimentos naturais, além de



Diana Coelho viu o filho, Diego, passar por desafio duplo: pandemia e nova escola

conflitos emocionais, pois as crianças acompanharam os medos e as angústias que a pandemia trazia para dentro de casa”, destaca.

Estrutura pós-pandêmica

Diferente das demais escolas, a Eleva já foi construída com a pandemia em mente. Isabella conta que a estrutura da instituição foi adaptada para respeitar o isolamento social e a equipe foi preparada para que o máximo de alunos pudesse frequentar os espaços, afinal, a meta era que a escola começasse a funcionar presencialmente no ano de 2021.

Apesar dos desafios em âmbito social, pedagógico e emocional, a diretora pontua que as aulas presenciais proporcionaram aos pequenos a saída da “cabana” em direção à vida do encontro. “A gente precisa garantir que todo o desenvolvimento físico, emocional e social aconteça, e, para isso, a escola é importante, pois é um espaço de encontro.”

A diretora da unidade da 912 Sul do Colégio Sigma, Carolina Darolt, conta que, embora o Sigma tenha adotado o modelo híbrido de ensino, isto é, presencial e on-line, grande parte dos alunos escolheu voltar ao convívio presencial. “É preciso restabelecer o convívio social dessas crianças e desses adolescentes que permaneceram em casa durante esse longo período. Precisamos ter cuidado e delicadeza para fortalecer o trabalho que preza pela qualidade nas relações.

O acolhimento, as rodas de diálogo, o fortalecimento das vozes ativas na escola precisam ser considerados etapas importantes nesse cenário.”

Diego Coelho, 7, teve que lidar com um desafio em dose dupla: além de estudar no contexto pandêmico, a transição para o ensino fundamental coincidiu com uma mudança de escola. “O início das aulas foi diferente para o meu filho. A escola era grande, os amiguinhos desconhecidos, todos usavam máscaras, não havia festas de aniversário nem encontros nos parquinhos”, relata a mãe, Diana Coelho, 38.

A servidora pública acrescenta que Diego é tímido e ainda não tinha desenvolvido a postura de autonomia que o ensino fundamental exige, o que fez com que ele tivesse dificuldades na nova escola: “O primeiro comportamento do meu filho foi se fechar. Não falava com ninguém, não fazia as atividades, não interagia”.

Graças ao apoio da família e de educadores, aos poucos, Diego conseguiu se adaptar ao ambiente escolar. “A postura da escola foi de resgatar meu filho, entendendo que ele estava sofrendo e precisando se sentir amado e pertencente ao grupo. Com o apoio e os conselhos da escola, Diego iniciou terapia, e, em casa, começamos a reforçar o quanto ele é amado e querido. Não seguir numa educação punitiva e apostar numa educação baseada no amor, na conversa e no incentivo fez toda a diferença. Tenho certeza de que é o início de uma longa e linda jornada de estudos, amizades e aventuras”, diz a mãe, otimista.